

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.205

Terça feira, 31 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Táhala-Lisboa — Telefones 5339-10

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Editor — Carlos Maria Coelho

PELA ITÁLIA

O FASCISMO GOVERNANDO

Os fascistas serão, decerto, vítimas da sua ambição. Querendo esmagar toda a gente, ... toda a gente os esmagará ...

A burguesia expiando os seus crimes

Os fascistas acabam de satisfazer as suas ambições máximas — sobre ao poder italiano. Mussolini acaba de ser convidado pelo rei a formar gabinete. A Itália da ordem, a Itália reacionária acaba de entregar os seus destinos nas mãos dum partido de desordens que não tem uma orientação definida, que se move pelo desejo parasitário de não trabalhar, de viver à custa dumha nação inteira.

A Itália conservadora está neste momento expandindo duramente os seus crimes. O desejo de defender os seus direitos ilegítimos contra os naturais direitos do operariado italiano — que pretende criar uma sociedade onde os parasitas sejam abolidos e a distribuição do trabalho e da riqueza sejam equitativos — levaram a burguesia italiana e o próprio governo a dar aos fascistas uma força enorme, desmodia, que era empregada em combater todos os movimentos operários onde palpitasse um anseio de liberdade. Agora são os fascistas que abusando da sua força, impõem o seu governo, de armas na mão, apoderando-se das cidades de Pisa, Florença, Cremona, invadindo repartições públicas, fazendo uma autêntica revolução reacionária.

Primeiro, mercenários que assaltavam, pilhavam e assassinavam em defesa dos interesses burgueses; hoje, revestidos da aparência do partido político, os fascistas sobem ao poder governar.

O governo italiano acaba, pois, de ser tomado de assalto por essa gente sem ideal, sem outro desejo que não seja viver parasiticamente na paz, como viveram durante a guerra — à custa do Estado, ou melhor, à custa do povo trabalhador.

Confiantes na sua força pretendem agora dominar tudo e todos, atacam os operários sindicalistas ou anarquistas, agride os católicos ou republicanos, hostilizam os comunistas e socialistas no intuito de se proclamarem eles, únicoamente eles, os senhores da Itália.

Ora cremos que nesta ambição está, felizmente, a perda do fascismo. Lutando contra todos, todos terá contra ele. Não tardará que a Itália se levante inteira contra o fascismo — a reacção das reacções.

Depois o operariado revolucionário saberá ajustar as contas com fascistas e burgueses.

O homem que quiz ser preso

Sendo a vida actual uma prisão de grades invisíveis há quem acredite na perigosa ilusão da liberdade e por isso dorma, coma, beba e ame despreciosamente, supondo que todos os seus actos são determinados pela sua vontade. O que contribui ainda para que a vida não seja tomada por um encarceramento perpétuo é a existência de prisões sujas, inabitáveis mas de grades visíveis.

Tan afetos muitos estão a não conseguirem uma prisão sem a existência de grades, visíveis, que não sentem os seus movimentos, o seu coração, o seu espírito e o seu estômago paralizados, regulamentados e administrados. Não compreendem que as grades mais fortes não são forjadas pelo ferro mas pelo código, e por isso vivem da superstição perigosa que consiste em suporem-se em liberdade pelo facto dum polícia os não ter encafuado num tabouço. É certo que a prisão, a tal que tem grades de ferro, é uma forte limitação da liberdade dos que vivem amarrados ao jugo das leis, dos preconceitos e das condições económicas. O Limoceiro é por exemplo uma sinistra e visível da grande prisão que é para o homem de hoje, a vida de hoje. Essa perigosa ilusão de liberdade, a que me venho referindo, condenou um homem que estava no Limoceiro, encarcerado. Esse homem tinha, usando da linguagem burguesa e corriqueira, praticado um roubo. Longe de se conformar com a sua sorte ou antes, com a sua desdita, aspirou a sair do Limoceiro, a vir para a vida que supunha tam livre como amplo e azul era o horizonte que o seu olhar nostálgico abraçava através do gradeamento. Essa ánsia apóssou-se da sua vontade e impulsionou-a. Por processos que não é necessário referir conseguiu franquear as grades da prisão?

Cristiano LIMA

C. G. T.

Aos sindicatos de Almada

O Comité Confederal no sentido máximo de robustecer a Organização, resolvem convocar todos os organismos de Almada a enviar os seus delegados a uma reunião do Conselho da U. S. O. que se realiza no próximo domingo, 5. às 13 horas, na Associação dos Tanoeiros.

Aos secretários da mesa do 3.º Congresso

Convidam-se todos os camaradas que secretariaram as sessões do Congresso, a entregar na C. G. T. as actas das sessões, afim de a Comissão Organizadora poder ultimar os seus trabalhos.

No teatro de S. Bento

Não houve espectáculo por falta de número

Ontem não houve sessão na Câmara dos Deputados por falta de número. Os deputados, ao que consta, andam pela província confrontados nos golpejamentos indecentes das próximas eleições camarárias.

Depois digam que os interesses particulares ou de partido não se sobreponham aos do país — se bem que a presença dos deputados na Câmara seja

Segundo o exemplo do operariado de Lisboa, os trabalhadores de Beja tomaram conta de 25 crianças. — Uma subscrição que rende, em dois dias 555\$50

O operariado de Beja manifesta a sua solidariedade

BEJA, 29.—C. — Acabam de chegar a esta cidade mais 25 crianças filhos dos nossos camaradas mineiros que vieram ao cuidado de diversos camaradas.

Acompanhados de dois delegados dos grevistas e três membros da Comissão Permanente de auxílio de Beja, e grande número de homens e mulheres dirigiram-se para a Delegação Ferroviária, onde imediatamente se realizou uma sessão.

Em cima da mesa da sessão, um filho dum grevista, no seu estado miserável empunhava a bandeira sindical da Associação dos Mineiros.

Envoltos nesse símbolo, o pequeno parecia lembrar-se que seu país se uniam lutando energeticamente pela conquista dos seus direitos numa afirmação de revolta contra os seus exploradores. Aquela bandeira ha de levar os trabalhadores ao triunfo da Rasão, Justiça e Direito.

Aberta a sessão falaram os delegados da Comissão Permanente de auxílio dando conta das suas demandas ante os camaradas mineiros, analisando o estado miserável em que se debatem e a irredutibilidade dos verdadeiros belgas.

Afirmaram que o moral dos grevistas é excelente, sendo o movimento uma afirmação grandiosa por todos os pontos de vista.

Falam também Gonçalves Correia e Vitor Manuel. Aquele demonstrou a desigualdade desta sociedade, salientando o valor da solidariedade humana, e este agradeceu em nome dos grevistas a solidariedade do operariado de Beja facto que sensibilizou bastante.

O piso não sabia, eis o que ele não conseguiu encontrar.

A distribuição das crianças foi um acto comovente

Terminada a sessão no meio de viva-as das mineiros, procedeu-se à distribuição das crianças.

Este acto comoveu todas as pessoas presentes.

Homens e mulheres disputavam-nas desejando ardente de compartilhar com o seu esforço, cada qual desejava levar uma criança para o seu lar.

Muitas pessoas, que ainda não figuravam no registo, imediatamente se inscreveram, seguindo amanhã mais 3

membros da Comissão permanente para Aljustrel, que nos grevistas vão levar donativos, dar-lhes alento e trazer crianças para Beja.

A Comissão Permanente de auxílio, tem sido incansável na angariação de donativos tendo sido coroado dos melhores êxitos, adquirindo em dois dias, 28 e 29 do corrente, a quantia de 555\$50, importância que imediatamente foi entregue aos camaradas mineiros.

As impressões agri-dóces duma criança protegida

Do nosso colega o Diário de Lisboa, transcrevemos, com a devida vénia, a interessante entrevista que segue:

«A notícia veiu já nos jornais. Aqui há coisa de um mês os operários das minas de Aljustrel puseram-se em greve por não lhes ter sido feita uma melhoria de salários que pediam. A vida, que era já um tormento para elas, passou depois a ter aspectos de inferno para as famílias; nem pão para os filhos, nem dinheiro para a lareira, nem azelai para a candela, nem remissão alguma para o dia a dia dos desgraçados — que o piso não se decidiu ainda, e são cerca de mil os lares em que a fome entrou.»

Os pais, gente afeita a resignar-se-nas privações, lá se têm mantido sem que a sua situação se torne motivo de queixa clamorosa. Choram em silêncio; não sabem da sua miséria os que vivem felizes. Mas o pior eram os filhos, os pequeninos que mal compreendem ainda a sua inocência, como pode ser que os pais não trabalhem e não haja em casa nem uma cédula para roer.

Nos primeiros dias, lá se deu aquilo um remedio. Empenhou-se o que havia; pediu-se emprestado a este ou aquele. Mas a fome, depois, foi apertando; os grevistas não queriam ceder; e então os outros operários, numa decisão de solidariedade, foram buscar a peitada e abolição-a por ali, pela cidade, para acudir à desgraça dos mineiros.

Um dos meidados — Joaquim Cesário, de 11 anos — foi parar a casa do sr. J. M. Saraiva de Aguiar, na rua da Atalaia, 33, 5.º, onde hoje o jornalista o encontrou.

Descalço, calça justa de colim, blusa de riscado, a tez crestada do ar da serra,

que ele não sabia, eis o que ele não conseguiu encontrar.

O miserável arrastou-se numa existência dolorosa de homem que é vigiado pela polícia e espionado pela fome. A falta de trabalho, implicava falta de alimentação e a fome dava-lhe conselhos perigosos para aquilo que ele presumia ser a sua liberdade. Analisou esse doce inimigo a polícia e a fome. E concluiu que a fome o conduzia novamente para o cárcere. Enfim, para não voltar a roubar, tomou uma decisão desesperada: foi entregar-se à prisão. A polícia recebeu-o com certo espanto mas depois encarou-no no calabouço com cinica indiferença.

E aqui termina a história do homem que quis ser preso, para ser livre.

Porque considerou que a vida era uma prisão mais poderosa e cruel do que aquela donde tinha saído. Novamente no Limoceiro, seus olhos erguer-se-hão para o céu azul e indecifrável, a sonhar com a liberdade. Essa liberdade que ele amava intensamente e de que foi forçado, tragicamente, a abdicar. Conseguirá, algum dia a liberdade, o homem que quis ser preso?

Cristiano LIMA

NOTAS & COMENTARIOS

O jornalista

O Sécular passou a ser pertença de ingénuo a todos os monopólios, de todas as moagens, de todas as falcaturas. Alguns jornais veem indignados com o facto, chegando «um jornalista» nas colunas da Imprensa Nova a acusar Silva Graca e Rugeroni, de terem vendido o povo português aos argentinos. Não é bem assim. «Um jornalista» equivocou-se lamentavelmente.

O Sécular vendia o seu silêncio àqueles que preferiam agora comprá-lo dum só vez e que acharam mais prático assim proceder do que gastar dinheiro para engordar um inimigo. O Sécular nas unhas hâbeis de Silva Graca e nas unhas sujas de Rugeroni, vendia a sua cumplicidade aos que roubam o povo.

Agora, os que compravam o silêncio do Sécular, compram o mesmo jornal. Apenas — repetimos — por ser mais prático. Era preferível gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas vai abandonar, desgostoso, o seu lugar de sub-director do Sécular. Desgostoso — porque? A não ser por perder a ocasião de fazer todos os dias tolices excedendo pagas por um ordenado certo e razoável. Poderia preferivelmente gastar dinheiro para ficarem com a posse do jornal — do que estarem a gastá-lo, a todo o momento, sempre que Silva Graca ou a Rugeroni lhes apetece... Isto não é ignorância.

«Um jornalista». Têm obrigações profissionais de saber, como devia terido o dever moral de confessar ainda que se acobrava com o anónimo.

Desgostoso. Afirmou a Imprensa Nova que o sr. António Maria de Freitas

OS LUCROS DA LAVOURA Apresenta-se um exemplo elucidativo do que ganham os grandes lavradores

Escreve-nos de Dois Portos, José da Silva, que tomou por renda uma pequena propriedade, com o excelente intuito de nos esclarecer sobre os fabulosos lucros dos proprietários daquela região. E' hábito apontarmos nas colunas desse jornal a extraordinária exagerada de salários que os rurais afeiram e frizarem a seguir, como contraste, os lucros fabulosos dos lavradores. Sempre o fizemos com a certeza completa de que estávamos rigorosamente de acordo com a verdade. Contudo, por falta de elementos, e compreendendo essa carência, visto ser reconhecida a nossa impossibilidade em penetrarmos na administração da propriedade privada, não podemos revelar o montante desses lucros com precisão. E' certo que o podíamos fazer, mas para isso seria necessário recorrer a meios que estão em absoluta contradição com os nossos princípios. Por isso só sempre bem recebidos todos os elementos que possam servir de apoio positivo às afirmações que insistentemente vimos fazendo.

Assim, recebemos com satisfação os dados que José da Silva põe à nossa disposição. Referem-se eles a uma pequena propriedade tomada de arrendamento. Inisitimos sobre este ponto para salientarmos o facto de serem incomparavelmente maiores os lucros auferidos pelos lavradores, que detêm grandes extensões de terra.

A apresentamos a seguir a despesa realizada pela vinha:

Podar e arranjar a vinha,	24\$00
Juncos para a vinha.....	25\$00
Cava da vinha.....	10\$00
Sulfato.....	15\$30
Aplicar o sulfato.....	7\$75
Enxofre.....	35\$00
Enxofar.....	25\$00
Trabalho da vinha(sachar)	7\$50
Vindima, 3 homens.....	18\$00
2 mulheres....	6\$00
Bebida durante o trabalho	10\$00
	106\$05

A vinha rendeu 90 almudes. Desses 90 almudes o indivíduo que arrendou teve de dar ao proprietário 45 almudes. E como não tinha onde guardar o vinho teve de o vender em condições desfavoráveis.

Esses 45 almudes a 8 escudos rendem 360 escudos. Deduzida a despesa (106\$05) o lucro obtido foi de 253\$95.

Os salários dos que trabalharam na vinha oscilaram entre 4 e 5 escudos.

Por estes números bastante elucidativos se pode apurar os lucros fabulosos dos lavradores que não tem de fazer renda e que ainda se lamentam, dizendo não poder pagar aos rurais salários condignos com o seu esforço extenuante e capazes deles poderem enfrentar a carestia da vida.

Acentuamos que se trata dum pequena propriedade. Os lucros das grandes propriedades são incomparavelmente superiores.

Para se avaliar da ignobil exploração exercida pelos proprietários daquela região basta que se saiba que só há poucas semanas os rurais auferem 5 escudos, tendo antes disso ganhado o revoltante, o irrisório salário de 250.

União dos Sindicatos Operários do Porto

Em virtude de só comparecerem, apesar das diferentes notícias publicadas na imprensa diária local e órgão da C. G. T., os delegados dos Sindicatos Unicos da Construção Civil, Calçado, Couros e Peles, Móveis e Metalúrgicos, e das Associações dos Enfermeiros, Oficiais, Litógrafos, Empregados no Comércio e Pessoal Mísí Fosforita, o Conselho federal da União dos Sindicatos Operários do Porto não se pôde efectuar, como era de urgência, visto haver assuntos de máxima importância a resolver.

E' para lamentar que, neste momento em que tanto é necessária a actividade de todos os organismos profissionais, se tenha de constatar uma indolência criminosamente por parte dos delegados que tem brilhado com a sua ausência, dando, assim, campo aberto para que as autoridades e o patronato mais desconsideradamente ainda possam prosseguir suas arbitrariedades. A ausência dos referidos delegados é uma fatal perigo, que urge remediar. Na certeza de que, convidando-os novamente para a reunião da próxima terça, os representantes dos sindicatos federados trarão na devida conta este reparo, a U. S. O. P. renova a sua convocação, não deixando, apesar disso, de apelar para os sindicatos, a fim de providenciar de mola a que a vida da União seja mais animadora e efectiva, isto no interesse da organização local e geral.

Oxalá todos os delegados cumpram com o seu dever e não se desleixem, como até agora muitos tem feito.

AS GREVES

Em Setúbal
Operários das fábricas de conservas
NOTA DO COMITÉ

Camaradas! Apesar da truculenta intransigência dos nossos patrões a nossa luta prosseguirá até que uma maior consideração pise a precária situação em que nos debatemos lhe ponha termo.

Senão fôra a malédade das criaturas com quem lutamos, não só a greve já estaria solucionada como até não teria sido lançada. E tudo porque?

Que exigimos nós? Simplesmente um aumento ridículo que nos permita um equilíbrio neste desequilibrado vida, em que uns se dão a esbanjar o que aos outros falta.

Porque não somos atendidos? São porventura exageradas as nossas pretensões? Não pode a indústria com os aumentos que reclamamos?

Nós bem sabemos que o que reclamamos — quase que a medo para não provocar luta — é atendível. A comprovar que a indústria pode, há o caso evidente de que, nos últimos anos, os industriais foram, muitas vezes multiplicados em número e em haveres, visto que criaturas que se fizeram industriais com dois patudos hoje alardeiam dezenas ou centenas de contos de réis.

Há porém os cabecilhos da indústria, criaturas que não vêm bem a dessemear a nova. Jogam neste caso a sorte dos colegas, jogando o pão dos operários.

Os industriais pequenos acobardam-se perante os argentários seus colegas e chegam a jogar o sôisse dos seus lares.

Vendo que o ambiente de revolta se intensifica fogem de Setúbal, deixando mulheres e filhos à mercê dos ódios que separam.

Descansem, senhores das fábricas!

Os grevistas de Setúbal, que com razão lutam pelo bem estar dos seus filhos e companheiros, não descerão a tomar contas às crianças inocentes e às mulheres acarinhadas pela vossa cobardia, do mal acto que estais praticando?

Mas, é interessante! Agora são os industriais que à falta de justificação para a sua altitude, se dão a fantasias por detrás dos grevistas criaturas estranhas que os movam como fantoches. Erro, erro absoluto!

Todos nós, os trabalhadores de Setúbal, temos um orientador supremo: — a miséria! Para nós, basta o sacrifício dos períodos em que a falta de matéria prima nos faz estar paralisados.

Reclamámos para conseguir, condamnamos à fome e que esperam?

Que percamos a paciência e que busquemos aqueles que cobardemente se escondem para não tratar connosco? Pois bem. Operários das Conservas de Setúbal: Mais uma vez está à prova o vosso espírito combativo.

Lutar para vencer, deve ser o nosso lema! Amanhã, uma comissão delegada dos Sindicatos, acompanhada de um delegado da C. G. T., vai procurar ouvir os industriais. Aguardai e resisti, que a vossa resistência depende a vitória.

O Comitê Central

Festas associativas

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Esta Associação comemorou no dia 10 de outubro o 12º aniversário da sua fundação, tendo a sala sido ornamentada com verdura, jornais operários e bandeiras de diversos organismos sindicais.

No sessão solene fizeram-se representar: C. G. T., U. S. O., Federação da Construção Civil, Federação Metalúrgica, Federação Marítima, Federação das Juventudes Sindicalistas em Portugal, Associações dos Frategantes, Descarregadores de Mar e Terra, Inschitos Marítimos, Estivadores do Porto de Lisboa, Medidores de Cereais, Alfaiates, Sindicato Único da Construção Civil, Juventudes Comunistas, Grupo Dramático Musical Solidariedade Operária e Comissão pró-A Batalha.

Usaram da palavra, demonstrando as vantagens das organizações operárias e os seus fins, Antíbal dos Santos, Bernardino dos Santos, Manuel Marques, João Ferreira, Manuel Rodrigues, David Carvalho, José Manuel, Alexandre de Assis, Salvador Lamego, João Valente, Gonçalves Vidal, António Monteiro, Antíbal Cruz, Alberto Monteiro, Inácio Marques, José Francisco e Mauro da Silva Campos.

A sessão foi abrillantada pela Tuna Recreativa Tondelense.

A 20 horas, pela falta do dr. sr. Carneiro de Moura para a realização da conferência anunciada, realizou-se uma sessão de propaganda, na qual usaram da palavra Antíbal da Cruz, João Ferreira, José Francisco, Antíbal dos Santos e Manuel dos Santos. Quem na sessão solene, queria na sessão de propaganda entusiasmou-se indescrivelmente pela beleza espalhada, de sindicalismo revolucionário. Nos finais das sessões foram levantados vivas à C. G. T., U. S. O., A Batalha, Operário Único, universal, etc.

Ao terminar as festas foi tirada uma "quête" para os grevistas mineiros e metalúrgicos de Aljustrel, que rendeu 30\$85.

Compositores tipográficos

No próximo domingo, 5 de Novembro, na sede da Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, efectua o Sindicato dos Compositores Tipográficos a inauguração da nova bandeira corporativa, que lhe foi oferecida por um grupo de dedicados camaradas, aproveitando também o ensejo para comemorar a passagem do seu 19.º aniversário.

A 14 horas daquele dia realizar-se-á uma sessão de propaganda sindicalista, e à noite uma conferência de carácter científico.

DESPORTOS

Grupo de futebol OS BATALHUDOS

E' já no próximo domingo que se realiza na vila do Barreiro o encontro entre este grupo e um team misto daquela vila.

Pelos elementos com que contam estes grupos é de prever um desafio com fases interessantíssimas.

Os bilhetes estão à venda nos locais já publicados.

Na tipografia do jornal A Batalha, encontra-se durante o dia um delegado do grupo para prestar quaisquer esclarecimentos.

Os desafios de futebol de ante-ontem

Os desafios de futebol realizados anteontem deram os seguintes resultados: 2.ª divisão. — 1.ª categoria: União Luso, vence Casa Pia por 2 a 1; Vitória e Carcavelinhos, empata por 1 a 1. 2.ª categoria: União e Casa Pia, empata por 1 a 1; Vitória vence Carcavelinhos por 2 a 0. — 3.ª categoria: Casa Pia vence Carcavelinhos, por 4 a 0. — 4.ª categoria: Carcavelinhos vence Casa Pia por 12 a 0.

Campeonato de Promoção. — 2.ª categoria: Cruz Quebrada vence Marvilaense por 5 a 2; Portugal vence Royal por 7 a 0. — 3.ª categoria: Cruz Quebrada vence Marvilaense por 2 a 0; e Portugal vence Oriental por 4 a 3. — 4.ª categoria: Cruz Quebrada vence Marvilaense por 3 a 2; Operário vence Portugal por 1 a 0.

Grupo Dramático Solidariedade Operária. — Reúne hoje a direcção comunicando-nos que, desde 14 de outubro, tem enviado, pelo correio, A Batalha, para um amigo que se encontra nas Caldas da Rainha, sucedendo que aquele seu amigo só recebeu, até esta véspera, apenas dois exemplares.

Como não é a primeira vez que tais casos se verificam, lembramo-nos que esse serviço está confiado que tem mais um pouco de carinho pelo nosso jornal, de forma a não se repetirem factos destas naturezas.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Operária. — Reúne hoje a direcção

do

deliberou facultar gratuitamente no Posto do Terreiro do Paço as terças, quintas e sábados e na Junqueira, n.º 30, às segundas, quartas e sextas, da 1 às 3.

Vacina gratuita

A Cruz Vermelha atendendo ao desenvolvimento da epidemia de varíola delibera facultar gratuitamente no Posto do Terreiro do Paço as terças, quintas e sábados e na Junqueira, n.º 30, às segundas, quartas e sextas, da 1 às 3.

QUESTÕES PALPITANTES

A Revolução Russa

por ALEXANDRE BERKMAN

"Nada de compromissos com o imperialismo alemão, nada de concessões, chamar o país inteiro, e o povo estava disposto a defender a sua revolução até à morte. Mas, então, Lénine pediu a ratificação, duma paz que era a mais péruida traição, para a maior parte da Rússia. Branca, Letônia, Lituânia, Ucrânia, Rússia Branca e Bessarábia, todos deviam ser entregues à opressão e à exploração do invasor alemão e da sua burguesia. Isto era algo monstruoso, — o sacrifício dos principípios da revolução e também dos seus interesses."

Dzerzhinsky, o chefe da Comissão Extraordinária pana-russa, exigiu que se entregasse o terrorista culpado.

E' um facto único nos anais revolucionários: um partido revolucionário no poder exigia a outro partido revolucionário, com o qual tinha cooperado até então, a prisão e condenação dum revolucionário por ter suprimido o representante dum governo imperialista.

A paz de Brest-Litovsk, que se seguiu, alegando que a revolução tinha necessidade de "respirar", que a Rússia estava esgotada, e que a paz permitiria ao oasis revolucionário fortificá-lo para novos esforços. Trotski estava silencioso, e Dzerzhinsky, o grande comandante da Comissão Extraordinária, ficou para a proxima reunião.

A esquerda socialista revolucionária, a maior parte dos anarquistas e muitos elementos revolucionários eram irredutíveis da paz com o imperialismo e particularmente nas condições ditadas pela Alemanha.

Declaravam que tal paz era prejudicial à revolução; que o princípio da "paz sem anexações" não devia ser sacrificado, que as condições da Alemanha constituíam a mais péruida traição.

As esquerdas socialistas revolucionárias, a maioria dos anarquistas e muitos elementos revolucionários eram irredutíveis da paz com o imperialismo e particularmente nas condições ditadas pela Alemanha.

Declaravam que tal paz era prejudicial à revolução; que o princípio da "paz sem anexações" não devia ser sacrificado, que as condições da Alemanha constituíam a mais péruida traição.

Estes métodos e táticas dos bolcheviques não eram acidentais. Tornou-se depressa evidente, que essa era a política decidida do Estado comunista para reprimir a forma de expressão contrária ao governo. Depois da ratificação do Tratado de Brest-Litovsk, a esquerda socialista-revolucionária retomou a sua representação perante o sócio.

Os bolcheviques tiveram o control exclusivo do governo. Debaixo dum pretexto ou outro, fez-se a supressão mais arbitrária e mais cruel de todos os resistentes partidos e grupos políticos. Os menchevistas, a direita socialista-revolucionária tinham sido liquidados havia já muito tempo, conjuntamente com a burguesia russa. Tocou então a vez aos elementos revolucionários; a esquerda socialista-revolucionária, os anarquistas e os revolucionários sem partido.

(Continua)

Comissão Administrativa de A Batalha

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa de A Batalha.

Instrução

A abertura do novo ano lectivo na Faculdade do Pórt

A faculdade técnica da Universidade do Pórt convide o sr. ministro da Instrução para presidir à sessão solene de abertura do novo ano lectivo, acto que se realizará no próximo sábado e que também se prestará homenagem ao professor dr. sr. Ferreira da Silva e ao falecido professor dr. Miranda Júnior.

Foi aberto concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 8.º Grupo de cada um dos liceus de Portalegre e Funchal.

Foi transferido em concurso, a professor D. Maria Pábia de Sousa Mourão, da escola da Veiga da Silva para a de Serapicar, concelho de Valpaços.

O tempo

Abate o torreão duma capela

POR SERPA

A República bem servida de autoridades

SIGNORET NO POLITEAMA
L'AUTORITAIRE de Henry Clerc

Signoret fez no sábado no teatro Politeama, um género absolutamente diferente do que lhe havíamos visto representar na véspera em que desempenhou a "8.ª mulher da Barba Azul". A peça de Henry Clerc tem uma grande intensidade dramática, e uma violência especial a que o actor francês deu consistência e vigor. O tema vulgar que já conhecemos de outras peças, achou-nos quem, como observação, melhor o tratasse, sem escabrosidades de frases arrevezadas, nem movimentos tumultuosos de figuras secundárias, que são sempre uma grande defesa para assuntos falsos e para autores pouco versados na dinâmica da cena.

A autoridade que se vê nessa peça natural desartificiosa, encontra-se por ai, em todos os cantos, tornando modalidades várias e exercendo-se em direções várias, conforme as pessoas que a fazem prevalecer, segundo o meio em que ela se dilata, agitada pelas bruscas inquietações dos que tem a sofreguidão do mando e insaciada vontade de impor os seus caprichos, ou veleidades doutras que trazem a desordem fatal entre pessoas que se estimam. Signoret no segundo ato foi dum meticolosidade rara, não perdendo na intensidade da voz o rancor que pelo gesto espalha de momento. E a sua fisionomia, atinge, uma estranha expressão quando vê cair sua unha, num acesso cardíaco fatal. A sua indecisão no socorro que quer preservar-lhe, a agonia exasperante e convulsa da sua voz, impressionaram-nos bastante, sendo soberba a queda que dá ao tropel educinado na cadeira que lhe corta as passagens.

Jean Signoret em confronto com a figura principal da peça, manteve-se com uma decisão reconhecidamente exagerada. Os outros artistas fizeram o que sabiam e já não é pouco.

DEMÓCRITO

A peça histórica VASCO DA GAMA no S. Carlos

Quem tem andado como eu a rogar as mangas do casaco pelas prateleiras empoadas dos arquivos e bibliotecas e quase se trata por si com muitos dos homens a quem a história largou o epíteto de grandes, quem anda na Inglaterra de arrancar do esquecimento, os mortos que tem ajudado a viver tantos vivos, uns veneráveis, outros excentrados, é que sabe o que custa essa reviviscência do passado de tanta maior responsabilidade se é de primeira grandeza a figura que vai buscar, ou de capital importância a época que queremos fazer presente. O escritor que enraiza a sua atenção nas páginas das histórias dum país tem que orientar as suas vistas num de dois sentidos. Ou se limita à função simplicidade de narrador ou agarra nos acontecimentos e vai mais além, bistrutizando em parcialmente o seu carácter e o seu alcance. E, se ainda não apareceu em Portugal quem fundisse no seu trabalho estes dois aspectos e nem sequer o mais elevado deles, há em compensação quem, com um certo amor, trouxesse à cena momentos e indivíduos sobre os quais a história tem derramado uma relativa incerteza de critério quanto aos seus actos e ao verdadeiro significado que elas revestem. Mas essas tentativas em volta das quais, aliás, se tem desenhado uma certa aura de bom acolhimento, pouco tecem frutificado porque nelas tem faltado essa acuidade de crítica que fulmina as empresas nefastas ou inúteis e de contraria engandece a bondade sublimada dos feitos generosos de que a história de todas as nações está infelizmente tímida.

Assim, os povos erradamente informados ou pelos livros favorecedores de reputações, ou pelas peças kaleidoscopadoras de aventuras sangrentas, andam arrreditados na verdadeira estatura desses heróis a que a falta de independência dos cronistas não imprimiu as devidas proporções. Aílém disto a missão do historiador mais do que inquiridora em si mesma um propósito veio para que a semente patriótica faga germinar a terra pouco ubre dessas florescentes depois que o direito à vida, o amor da liberdade e o conhecimento do anacronismo assaltaram os cérebros e moveram os corações. Há meio século uma pena histórica não impunha a quem a escrevia a necessidade de dizer verdades, condenando erros e glorificando o bem. Hoje já assim não é, e o público consciente que não cura da aparição de beleza não acobertará um latrocínio ou um embuste que a alquimia patriótica durou com o encanto das fases boas e a ilusão de ações favorecidas por alicios dos velhos solilóquios e favoritos de castas dominantes.

No drama que ontém se representou no Teatro de S. Carlos há, como em todos os que antecedem na cronologia, o desejo de favorecer uma figura da história portuguesa e tam manifesta essa intenção é que para o autor pouca importância teve o tratamento de subalternidade a que voltou os vultos máximos daquela empresa temerária e que se chamaram Abrahão Zucuto e Pedro de Alenquer, na ordem de procedência o Gago Coutinho e o Sacadura Cabral daquelas tempos.

O sr. Silva Tavares só viu Vasco da Gama (que pouco é afinal ao pé deles) e acreditando mais no que ao povo lhe fizeram acreditar, passou de fugida por

élices e pôlos diante dos nossos olhos num campo secundário, só porque a crónica não lhe deu mais elementos para a sua valorização. E este talvez o maior defeito da peça que se ressentiu já, naturalmente, da obrigação que ao autor ficou do título a que a sujou. Não estamos aqui para analisar passo a passo o drama do sr. Silva Tavares, no qual as qualidades e os defeitos nos daram a ação a mais dum artigo.

E se fizéssemos teríamos fatalmente entrar em linha de conta no que respeita não só ao rigor histórico como encarou Vasco da Gama, mas ainda o ponto vernacularismo que passa pela linguagem de quatrocentos, à disparidade da indumentária, «vêle-mèle» de vestuários em que o único lado apropriado (de Pero de Alenquer) se mistura com a da segunda metade do século XVI e até com aquele fantasiado lambri de azulejos azuis que permite que o seu tipo histórico do século XVIII possa ser representado entre as muralhas duma parede duma palácio antecipadamente manuelino! Não o devemos fazer porque o sr. Silva Tavares tem talento, é um dos melhores poetas de geração actual e porque da sua obra resulta uma feição interessante que foi apreciada em Vasco da Gama, e que, se não é inédita, representa todavia, uma faceta a estudar no fidalgo que foi em demanda da Índia.

E' o lado administrativo porque o foi olhar e essa desarticulação dos dois últimos actos do resto da peça é, certamente, o que de mais valioso nela notamos, precisamente porque cremos que a personalidade de Vasco da Gama deve conciliar mais a atenção como Vice-Rei da Índia do que como capitão de armada. O autor do segundo acto não parece o mesmo do terceiro, sendo curioso acentuar que para nós o acto segundo, sendo o mais reclamado, foi o que menos atenção nos despertou e em que a descrição dos doze de Inglaterra está muito abaixo da inspiração poética do sr. Silva Tavares, que tem no prólogo da peça os seus melhores versos e em que a redondilha é manejada com grande felicidade.

Do desempenho só há a destacar Alves da Cunha que fez heróicamente o seu papel de protagonista, Carlos Santos e António Palma.

DEMÓCRITO

A Sociedade Artística do Teatro Nacional vai remontar várias peças do seu antigo repertório, entre elas Os velhos, de D. João da Câmara.

— E' hoje em récita extraordinária que se realiza no Eden a representação da peça em 4 actos de Pierre Frondais O homem que assassinou, traduzido por Oldemiro Cesar. A peça tem a seguinte distribuição: «Lady Falkland», Irene Grave; «Senhora de Servage», Maria Isabel; «Edith», Leonilde Pereira; «Baroneza de Herlford», Sara Cunha; «Criança», Ricardina Pereira; «Marquez de Sevigny», Abilio Alves; «Sir Archibald Falkland», Luis Leitão; «Príncipe Caravonite», José Clímaco; «Mehemet Pachá, Intendente de Polícia Turca», Jorge Grave; «Asil Ali», João Fonseca; «Torril, oficial da armada francesa», Humberto Miranda; «Criado», José Miranda.

Reclames

Continua a série de encheres no Apolo sendo todos unânimes em classificar a revista fantasia Cigarro Breve.

Gama

GRANDE VARIEDADE

— DE —

Bilhetes, fracções e cauetas para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio: mais \$20 para registo

Fornecer para revender

TELEFONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51-Lisboa

Preço 50 centavos

Pelo correio 55 centavos

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal-Auer únicas que não se desfazem e

dão boa fogueira, duração 300 horas, rodas

e maciças, tubos, moles, pipos e tam-

pões.

Único depósito que fornece para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

"Determinismo e Responsabilidade"

de A. Hamon. Compre-se na administração de A Batalha. Paga-se bem.

AOS MONTADORES

Material eléctrico

Cordão 0,75 a preços convidativos na casa Lopes & Valério, Lda, Rua Nova da Almada, 16.

Os Miseráveis

de VICTOR HUGO

ACABA DE SAIR

Assinaturas a tomos semanais a 50 centavos.

Pedidos à livraria "Renascença" —

JOAQUIM CARDOSO Lda.

R. dos Poais de S. Bento, 27, LISBOA

Preço das chaves de cacaú da

SIC vale mais como alimento, que 5 chás

venas de café, e não é prejudicial à

saúde como este.

Croupier Libertário «Os Emancipados» — Reime hoje, pelas 20,30 horas,

para tratar de assuntos muito urgentes.

mas quero saber primeiramente a sua opinião.

Lucas compreendia, achava estas coisas rasas.

— Sem dúvida, respondeu ele, não pode alterar os seus trabalhos, toda a sua existência. O meu amigo e o mundo teriam muito a perder. Contudo reflectia ainda, há talvez outras soluções... E depois para vender, precisa de comprador.

— Oh tornou Jordan, comprador tenho eu... Já não é de ontém que Delaveau pensa em juntar o alto forno da Crêche à sua fábrica de aço do Abismo. Já me apalpou, é só fazer-lhe.

— Ao nome de Delaveau, Lucas fez um movimento brusco. Ali tinha finalmente explicado porque o primo de Boisgeli se mostrava tan inquieto, tanto assim que nem sequer se tinha perguntado a ele a dizer contra o director do Abismo:

— Não, não, também estou convencido de que é um homem inteligente e activo.

— E' isso mesmo, continuou Jordan, a coisa iria para mãos experimentadas... Seria preciso, creio eu, tomar certas providências, aceitar pagamentos a longos prazos, porque o dinheiro falta-lhe, Boisgeli já não tem capitais disponíveis. Mas pouco me importa, eu posso esperar, bastar-me-lam gambarias sobre os seus estudos, as minhas investigações. E o melhor portanto é vender, estou quasi resolvido a isso,

— Compreende, não é verdade, meu amigo?... Assim iam as coisas, quando, de repente, morre o meu velho La-roche, e toda a exploração, todos os cuidados ficam às minhas costas. Não imagina o que haveria a fazer; a vida de um homem não chegava, se quisesse tratar daquilo a sério. Ora, por causa nenhuma do mundo, eu abandona a sua casa, porque se julgava bastante rico; e, por outro lado, para os aplicar e triplicar seria preciso renover uma parte do material, melhorar o

produto, entregar-se-lhe de todo numa palavra. Era o que ele não podia nem queria fazer, tanto mais que esses artigos formam, d'um metro-

do, na opinião, infantil e bárbara,

não podiam ser-lhe de nenhum utili-

dade para as experiências das fundi-

cões eléctricas que o apaixonavam. E

— Porque? porque minha querida... Porque Laroche era incapaz de uma iniciativa; porque eu não tenho tido tempo de ocupar disso; porque as coisas marchavam de uma certa maneira e não podiam marchar de outra. Vê tu, se vendo, é justamente para não tornar a ouvir falar em tal coisa; pois que além de ser radicalmente impossível que eu dirija o negocio, isso me faz doente.

— Não é só o alto forno, disse ela

por fim, é também a mina, só todos

esses imensos terrenos pedregosos,

que lhe andam anexos e não podem,

me parecer, destacar-se.

— O irmão teve um gesto de impaci-

ência, no desejo em que estava de se desembalar depressa e por uma vez.

— Delaveau ficará também com os

terrenos, se os quiser. Que queres que

fazemos deles? Rochas escalvadas, cal-

cinadas, onde nem sequer nascem as

silvas. Não tem valor, visto a mina

presentemente não ser explorável.

— Estás bem certo de que a mina

é explorável? insistiu ela. Lembrai-

me, senhor Froment, que uma noite

contou como no Leste tinham chega-

do a explorar minérios totalmente

defeituosos, graças a um processo qui-

mico... Porque não se ensaiou, ainda

desse processo?

— De novo Jordan ergueu desesperada-

mente os braços ao céu.

— Porque? porque minha querida... Porque Laroche era incapaz de uma iniciativa; porque eu não tenho tido

tempo de ocupar disso; porque as coi-

sas marchavam de uma certa maneira

e não podiam marchar de outra. Vê tu, se vendo, é justamente para

que não tornar a ouvir falar em tal

coisa; pois que além de ser radical-

mente impossível que eu dirija o nego-

cio, isso me faz doente.

— Em certas horas, continuou Jordan,

vem-me ganas de chamar o Delaveau

para que ele tome conta de tudo,

mesmo sem me pagar nada... E assim é com os fornos eléctricos de que eu procuro tam apaixonadamente a solução: não tenho querido empre-

gar-lhos eu mesmo, fazer dinheiro com

elas, porque no dia em que o tiver

descoberto, da-lhos-hei a todos, para

que a fortuna e felicidade de todos...

Vê tu, se vendo, é justamente para

que não tornar a ouvir falar em tal

coisa; pois que além de ser radical-

Purgações

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro específico

SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as PREÇO urinas não mudam de cor nem de cheiro 10\$00

VENDEM:

FARMACIA ESTACIO, Rossio, 63. — FARMACIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228. — UNIÃO COMERCIAL DE DROGAS, Rua Augusta, 180. — FARMÁCIA CASTRO, Avenida Almirante Reis, 76. — FARMÁCIA CONCEIÇÃO, Calçada de D. Gastão, 23. (Xabregas) — FARMÁCIA DE PEDROUÇOS, Rua de Pedroouços, 114.

Depósito geral Farmácia Castro, Sucessor
Rua de S. Bento, 199-199, A
LISBOA

LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

MOSA & ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

A administração de *A Batalha* acaba de adquirir para venda, alguns volumes das seguintes obras:

Na linha de fogo, por Manuel Ribeiro	\$80	A verdade acerca da revolução russa	\$80
A Rússia bolxevista, por Antonelli	\$120	Cristo nunca existiu ...	\$60
Monarquia jesuítica ...	\$80	O abortamento ...	\$80
Na prisão (Gorki)	\$80		

Nicolau Gomes Correia

ALFAIADE - MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana. Casacos para senhora já confeccionados.

AVIAMENTOS PARA ALFAIADES

R. dos Fanqueiros, 255

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescias em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



Armezem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 38

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

AGUA AMARELA

Remédio que mata todos os parasitas da cabeça e corpo. Destroce lendeas e limpa a caspa. Preço 2\$50

DEPOSITO GERAL:

SIMÕES VIANA. — Rua Infante D. Henrique, 54, (vulgo S. Tomé) — LISBOA

Envia-se pelo correio para qualquer parte do continente ou ilhas

Preço 2\$50, contra reembolso 2\$70

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS ESCOLARES BROCHADOS

Algebra 4.80 Geometria 4.20 Áritmética 4.80 Curso Portug. 3.00 Desenholentiar 3.00 Mecânica 3.00 Física 3.00 Química 4.20

ELEMENTOS GERAIS (encadernados)

Algebra clementar 6.60 Áritmética prática 6.60 Desenho linear geométrico 4.80 Elementos de física 4.80 • mecânica 4.80 • modelação ornato e figura 4.80 • projeções 7.20 • química 6.00 Geometria plana e no espaço 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80 Escrituração e contabilidade comercial 9.60 Escrituração associativa 4.00 Manual prático de correspondência comercial 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções 6.00 Alvenaria e cantaria 5.40 Edificações 5.40 Encanamentos e salubridade das habitações 5.40 Materiais de construção 5.20 Terraplanagem e alicerces 4.80 Trabalhos de carpintaria civil 5.40 • serralharia civil 6.00

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria alimentar 4.80

" cerâmica 4.80

DICIONÁRIOS

Dicionário da língua portuguesa 7.20

" de sinônimos da língua portuguesa 7.20

" prático francês-português 24.00

" português-ingles e inglês-português 14.40

MECÂNICA

Desenho de máquinas 12.00

Material agrícola 4.50

Nomenclatura de caldeiras e máquinas de vapor 5.40

Problema de máquinas 7.20

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de máquinas 6.00

Electricista 7.20

Fabricante de tecidos 4.80

Ferreiro 4.80

Fogneiro 5.40

Formador e estudador 4.80

Fundidor 5.40

Galvanoplastia 6.00

Motores de explosão 7.80

Pilotagem 6.00

Grayura química, eléctrica e fotográfica 1.50

Desde que lhe sejam enviadas a importação respectiva acrescida de 10% para as despesas do porte e registo a administração de *A Batalha* enviará qualquer das obras anunciadas.

Livraria Renascença

J. CARDOSO, L. da — Editores

RUA DOS POAIS DE S. BENTO, 27

Foi inaugurado há dias este estabelecimento, onde se encontram à venda obras literárias, científicas, sociais, filosóficas, profissionais e artísticas.

Em breve sob a direcção de Manuel Ribeiro o autor de «A Catedral» e «O Deserto», se iniciará a publicação de três coleções a tomos, sendo a primeira intitulada «Colecção Autores Célebres Ilustrada», iniciando-se com a grande obra de Vitor Hugo «Os Miséráveis».

A segunda denominada «Germinal» iniciará com a magnífica obra de Kropotkin «O Auxílio Mútuo» trabalho maravilhoso onde é demonstrada a verdadeira solidariedade que existe nos animais irracionais.

A terceira intitulada «Renascença» abrirá com «A Pecadora da Galileia», por René Emery, romance que remonta aos tempos primitivos do Cristianismo e que aparecerá em França, em poucas semanas se esgotarão trinta edições.

Outras publicações em separado se editarão de maneira a educar e instruir a classe trabalhadora.

Também tem montada uma secção de artigos de escritório e escolares fornecendo todos os objectos e artigos para o funcionamento de qualquer organismo.

Fornecemos carimbos de borracha e de metal, cartões de visita e de identidade, encadernações e todos os trabalhos tipográficos.

Fornecemos bibliotecas e procura de livros raros, assim como a compra e venda de livros usados.

Todos os artigos são vendidos aos preços mais baixos do mercado não restando concorrência.

A nossa divisa será Honestidade e audácia para vencer, esperando que o público e todos os camaradas e amigos façam uma visita ao nosso estabelecimento o que agradecemos.

A BATALHA

Editora da *A Batalha*

Editora da